

Jennifer Kaufman e Karen Mack

LER, VIVER E AMAR EM LOS ANGELES

Tradução

Rogeria Pereira da Silva



Casa da Palavra

Prólogo

*Sempre imaginei o Paraíso
como um tipo de biblioteca.*

Jorge Luis Borges (1899-1986)

Quando eu tinha 7 anos de idade, minha mãe despencou com o carro da família de uma ponte de 10 metros de altura. Minha irmã e eu estávamos no banco de trás e, depois do mergulho, o Cadillac Seville azul-celeste virou, afundando no desfiladeiro e aterrissando de ponta-cabeça. Não havia muita água no rio e o carro, de cabeça para baixo, afundou lentamente na sujeira, seus faróis soltando vapor em meio ao nevoeiro. Eu não me lembro de estar exatamente com medo, apenas aturdida demais para falar. Então minha mãe disse com uma voz perfeitamente calma:

— Meninas, vocês acham que conseguem abrir as portas?

Era como se ela estivesse nos pedindo para baixar o som da televisão ou colocar os pratos de volta nas prateleiras. Ela era muito prática. O rádio ainda estava tocando ao fundo. Saímos tropeçando umas nas outras, saltando para fora do carro na escuridão fantasmagórica, e eu me lembro de pensar que aquilo parecia exatamente como o Túnel do Amor no parque de diversões de Willow Grove que havia sido recentemente demolido e transformado em um centro comercial do subúrbio.

— Muito bem, vamos nos recompor — anunciou minha mãe por cima dos sons incongruentes da música de fundo.

A água escura escoava, nossas vozes criavam ecos quando falávamos e eu nos imaginava amontoadas em um pequeno barco a remo, flutuando magicamente, descendo um rio artificial em algum passeio esquisito que deu levemente errado.

— Sorria — disse minha mãe abruptamente para minha irmã, Virginia, quando a viu chupando o lábio. Virginia trincou um dos dois dentes incisivos no acidente, mas, a não ser por isso, estávamos as duas inteiras.

— Mais. Não estou vendo o sorriso.

— Eu tenho que sorrir? Não estou com vontade de sorrir — disse Virginia e bateu o pé na sujeira.

— Ela não está dizendo para você sorrir, tipo “FIQUE FELIZ”, sua burra — zombei. — Ela quer que você abra a boca para que ela veja se você está sangrando. Caramba!

— Bem, não estou — retrucou minha irmã, mas vi que ela estava chorando, esfregando o nariz e os olhos com o suéter sujo de lama.

— Está doendo? — perguntei timidamente.

— Não, não dói, Dora. Só não estou gostando daqui. Este lugar me dá arrepios e eu quero ir para casa.

Ela estava com medo, minha mãe estava entorpecida e eu, como sempre, estava completamente desligada — uma habilidade que venho, desde então, aperfeiçoando para lidar com as decepções esmagadoras ou os obstáculos incertos da vida.

— Estamos bem — afirmei. (Eu vivia dizendo isso a ela.) — De qualquer maneira, mamãe é que deveria estar chateada. Papai vai querer matá-la.

— Não vai não — respondeu minha irmã. — Talvez nem tenhamos que contar a ele.

— Você está brincando? Olha para esse carro, é o segundo que ela destrói este ano.

Nesse meio tempo, minha mãe estava de pé atrás de nosso veículo virado, esmagado e irreconhecível.

— Ai, meu Deus — exclamou de repente. — Os novos tacos de golfe de seu pai estão no porta-malas. Ele me disse para tirá-los de lá hoje de manhã? Não consigo me lembrar..

Quando a polícia finalmente chegou, com um reboque e uma ambulância, minha irmã e eu escalamos o leito lamacento do rio e nos enfiamos em uma viatura, enquanto minha mãe estava do lado de fora, embrulhando-se em seu longo casaco de pêlo de cabra. Sua voz tremia e, ao observá-la passar a mão pelos cabelos emaranhados, encharcados de sangue, percebi de repente que ela havia batido a cabeça. A idéia de que havíamos nos envolvido em um acidente quase fatal jamais me ocorrera.

Na época do acidente, estávamos no centro-leste da Pensilvânia, 145 quilômetros a noroeste da Filadélfia. Era uma área conhecida como o país do carvão do condado de Schuylkill, onde pastos verdes ondulantes eram arruinados por profundas cicatrizes marrons, amontoados de entulho empilhado e trilhos de trem em deterioração. Mesmo os *outdoors* estavam gastos, com mensagens rasgadas, ininteligíveis, de uma era passada. Estávamos indo para Pottsville visitar a casa em más condições onde John O'Hara passara a infância, e me lembro de ter ficado aliviada com o fato de que provavelmente não iríamos tão cedo visitar a casa desse autor. Ouvira uma vez que O'Hara chamava Pottsville de “cidade maldita”, e não via a hora de ir embora.

Minha mãe disse à polícia que ela estava consultando o mapa da Sociedade Histórica da Filadélfia e, quando levantou os olhos, estávamos mergulhando nas águas escuras do rio Schuylkill. Acho que acreditaram nela, porque o policial observou que estávamos a algumas horas do local em Chadds Ford onde o pai de Andrew Wyeth, N. C. Wyeth, teve seu carro esmagado em pedacinhos por um trem com seu neto de 4 anos no banco de trás. Ninguém jamais descobriu se foi suicídio ou apenas um acidente esquisito. Por que o policial insistiu em contar essa história na nossa frente jamais entenderei, mas com toda certeza deixou animada minha mãe, que tinha predileção por lendas literárias. E ela, então, bombardeou-o com perguntas.

Mais tarde, naquela noite, meu pai se juntou a nós em um motel perto dali e o humor dela piorou muito ao discutir com ele sobre bebida.

— As meninas estão bem. Eu só estava distraída.

Sabíamos que a distração dela residia em uma polida garrafinha de prata. Ela continuou negando, como sempre, e meu pai respondia com desdém e irritação. Logo em seguida, ele saiu de casa pela primeira vez.

A vida depois disso piorou, com uma série de idas e vindas dramáticas, berros e gritos, portas batendo no meio da noite, e depois silêncio. As manhãs seguintes tinham um quê de ressaca, minha irmã e eu olhando fixamente uma para a outra, estarecidas, evitando o que não se podia mencionar.

Minha mãe suportava tudo, entretanto, sempre se fazendo de mártir. Ela fazia parte daquela geração de mulheres de classe-média alta do nordeste que acreditavam que a vida não oferecia a elas uma alternativa decente ao casamento, à maternidade ou a ser dona de casa. Nos tumultuados anos que se seguiram, ela e seu círculo de amigas sobreviveram a divórcios, viuvez, doenças, filhos desaparecidos ou que as desapontavam, e aqueles, como minha irmã e eu, que optaram por ter uma carreira e se mudaram.

Naqueles primeiros dias, no entanto, aquela foi apenas uma das muitas viagens literárias que preencheram minha infância. Enquanto outras crianças estavam passando as férias de julho no litoral e o mês de agosto no acampamento de verão ou nas montanhas Pocono, nós desperdiçávamos todo nosso tempo livre visitando as casas e os retiros de escritores famosos. Caminhávamos em seus jardins (eles sempre tinham jardins), bebíamos nas tabernas locais que eles costumavam freqüentar, espiávamos seus quartos e comprávamos lembrancinhas e cartões-postais de quem quer que vendesse mercadorias nas ruas próximas. Minha mãe sempre citava suas obras extensivamente enquanto minha irmã e eu nos aconchegávamos no banco traseiro do carro, exaustas, e brincávamos com as Barbies que trazíamos escondidas.

Tais viagens grandiosas, geralmente culminavam em longos fins-de-semana monótonos em alojamentos com café-da-manhã que davam fundos para milharais ou ferros-velhos. Na maior parte do tempo, minha irmã e eu ficávamos sem ter o que fazer e recorriamos à leitura de clássicos da editora Penguin empoeirados, com as páginas amareladas, ou livros resumidos da Reader's Digest que enchiam as prateleiras da sala de estar, e ocasionalmente arrancávamos as páginas para fazer chapéus, barquinhos ou bolas de papel. Quando nos aventurávamos a sair, geralmente terminávamos caminhando por cidades desertas, lojas vazias e postos de gasolina abandonados.

Minha mãe estava sempre procurando algo que desse significado à existência dela, que a tirasse da vida de desespero e da rotina familiar. Passei anos enterrada em livros, tentando evitar um destino similar. Depois, de uma só vez, aconteceu esse lampejo de certeza e toda a indefinição desapareceu. Robert Frost disse: "O que você quer, o que você espera enquanto vaga pelo mundo é que algo aconteça para você." Pois aconteceu. De repente, algo me ocorreu.